

Saída da Venezuela da Comunidade Andina das Nações: novas clivagens na integração sul-americana

Tainá Leandro
05/08/2006

No dia 19 de abril de 2006, a Venezuela anunciou sua decisão de deixar a Comunidade Andina de Nações (CAN), bloco regional conformado por Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. O Mercosul, bloco do qual passa a ser membro permanente, também foi alvo de críticas do general venezuelano. Segundo ele, o Mercosul deveria passar por uma profunda transformação voltando-se mais para a área social. De fato, a postura venezuelana não apenas inquietou os países membros da CAN, como também aprofundou as clivagens regionais no que tange à integração sul-americana.

Segundo Chávez, a saída da Venezuela do bloco andino foi consequência direta das negociações de acordos de livre comércio que Peru, Colômbia e Equador tratam bilateralmente com os Estados Unidos. Tais tratados, quando ratificados, prejudicariam a posição comercial venezuelana dentro do bloco posto que os produtos americanos iriam dificultar a entrada dos produtos venezuelanos no mercado andino. Ademais, tais acordos facilitariam o comércio triangular, o que poderia ter como consequência a entrada em massa dos produtos americanos, “altamente subsidiados”, no mercado venezuelano. Contudo, uma análise estritamente econômica dos motivos venezuelanos torna-se simplista para vislumbrar as causas e os desdobramentos do posicionamento de Chávez.

Isso porque, é questionável se a participação econômica da Venezuela fará frente a dos dois sócios maiores: Brasil e Argentina. Dificilmente os produtos manufaturados da Venezuela conseguirão conquistar mercados já abastecidos com os produtos brasileiros e argentinos. Ademais, o anúncio do Uruguai de sua intenção de fortalecer seus laços comerciais com os Estados Unidos pode significar que a Venezuela não esteja livre dos mesmos problemas que enfrentaria com a Colômbia e Peru caso os tratados de livre comércio fossem ratificados nestes dois países. Assim, o quadro econômico oferecido à Venezuela pelo Mercosul não aparenta ser mais favorável.

As questões políticas, portanto, também são importantes para analisar os posicionamentos venezuelanos. De fato, os ganhos econômicos prometidos pela integração regional ao aceder a mercados preferências não são as únicas motivações que levam os países a se agruparem em blocos. Muitas vezes, os países conformam blocos para aumentar seu poder de barganha nas questões a serem negociadas multilateralmente. Nesse sentido, Chávez, com sua visão particular de integração e sua retórica anti-americanista, não conseguia articular uma posição conjunta dentro do bloco em apoio a suas aspirações políticas, principalmente devido ao alinhamento com os Estados Unidos apresentado pelos Governos peruano e colombiano. Nesse sentido, o general venezuelano teria maior interesse em juntar-se ao Brasil e Argentina. Isso porque, ambos apresentam forte desconfiança em relação a acordos de livre comércio com os Estados Unidos.

Contudo, as declarações de Chávez e seus primeiros movimentos dentro do Mercosul não parecem ter como objetivo, ou pelo menos, como consequência, a união dos cinco países em torno de uma proposta comum. As afirmações de que, se fosse necessário, o Mercosul deveria morrer para que nascesse um novo Mercosul, debilita os fundamentos políticos de um bloco já muito enfraquecido pelas reclamações de Paraguai e Uruguai, contra a postura brasileiro-argentina e pela recente disputa entre Argentina e Uruguai pelo tema das *papeleras*.

Ademais, a disposição da Venezuela em apresentar-se como aliada dos pequenos e em demonstrar sua capacidade de atuar sem o apoio de Brasil e Argentina, patente na reunião entre Uruguai, Paraguai e Bolívia para discutir a construção de um gasoduto entre Bolívia e Paraguai, causou indisposição entre os sócios maiores. De fato, a aliança entre os três poderia ser uma estratégia eficaz para fazer frente à hegemonia da Argentina e Brasil no Mercosul. Contudo, não parece significar o aumento do poder de barganha do Mercosul frente a outros blocos regionais. As divergências internas e a tendência polarizadora da atuação venezuelana podem dificultar o consenso entre os países do bloco e, logo, uma maior dificuldade em agir conjuntamente em negociações multilaterais de comércio.

Os países membros da CAN também se dividiram em posicionamentos antagônicos com a saída da Venezuela do bloco, o que enfraquece politicamente um bloco que já vinha sofrendo abalos no que tange à sua disciplina comercial. Enquanto a Colômbia e o Peru responsabilizaram a Venezuela pela saída do bloco, a Bolívia chegou a acusar de traição os países que fizeram acordos comerciais com os Estados Unidos, alinhando-se claramente à postura venezuelana. Enquanto o fundamento político da integração, que já vinha sofrendo abalos, deteriora-se ainda mais, os fundamentos econômicos também são sofrem com a saída da Venezuela da CAN. Isso porque a Venezuela era um dos países economicamente maiores da Comunidade Andina, e o principal parceiro econômico da Colômbia, depois dos Estados Unidos. A maior parte das exportações colombianas à Venezuela era composta por manufaturas, que dificilmente encontrará mercados alternativos no curto prazo.

A saída da Venezuela da Comunidade Andina das Nações abala os fundamentos políticos e econômicos do bloco tornando-o mais debilitado. Por outro lado, sua entrada no Mercosul evidenciou algumas contradições cada vez menos veladas entre os países pequenos e grandes do cone sul. Apesar de adotar um discurso pró-integração, as declarações e posicionamentos venezuelanos, marcadamente polarizadores, dificultam o consenso já complicado entre os países sul-americanos em torno de um projeto único de integração, tornando a sua concretização uma possibilidade cada vez mais distante.